

## ARTIGO DE REVISÃO

# MITOS E ESTEREÓTIPOS EM PERIÓDICOS BRASILEIROS DE GERONTOLOGIA: UMA REVISÃO DE ESCOPO

## MYTHS AND STEREOTYPES IN BRAZILIAN GERONTOLOGY JOURNALS: A SCOPING REVIEW

Cristiano Pereira de Assis<sup>1</sup>

Suzanne Tanoue dos Santos<sup>2</sup>

Ruth Caldeira de Melo<sup>3</sup>

Andrea Lopes<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Graduado em Gerontologia. Mestrando em Gerontologia. USP. E-mail: deassis@usp.br

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo. Graduanda em Gerontologia. USP. E-mail: suzannetanoue@usp.br

<sup>3</sup> Graduada em Fisioterapia. Doutora em Fisioterapia. Professora associada, vinculada à graduação e pós-graduação em Gerontologia (EACH/USP). E-mail: ruth.melo@usp.br

<sup>4</sup> Graduada em Ciências Sociais. Doutora em Educação. Professora vinculada às graduações e pós-graduações em Gerontologia e em Têxtil e Moda (EACH/USP). E-mail: andrealopes@usp.br

### Resumo

Objetivo: caracterizar a produção científica gerontológica brasileira sobre mitos e estereótipos da velhice e do envelhecimento. Método: revisão de escopo em periódicos nacionais de gerontologia, visando artigos originais e revisões em língua portuguesa publicados até 2021. Resultados: as noções de velhice assexuada e o envelhecimento como processo degenerativo destacam-se na literatura analisada. Conclusão: mitos e estereótipos interferem negativamente no envelhecimento e, em especial, na velhice.

### PALAVRAS-CHAVE

Mitos. Estereótipos. Velhice.

### Abstract

*Objective: To characterize the Brazilian gerontological scientific production about the myths and stereotypes of old age and aging. Methods: scoping review in Brazilian gerontology journals, aiming at original and review articles, in Portuguese, published until 2021. Results: the notions of asexual old age and aging as a degenerative process stand out in the analyzed literature. Conclusion: myths and stereotypes negatively affect aging, especially, in old age.*

### KEYWORDS

*Myths. Stereotypes. Old age.*

## 1 Introdução

A gerontologia, campo multi e interdisciplinar do saber, compreende o processo do envelhecimento como fruto de um conjunto complexo de variáveis biopsicossociais (NERI, 2014). Já a velhice, pela perspectiva antropológica (DEBERT, 1994; ZITTOUN; BAUCAL, 2021), pode ser entendida como uma etapa da vida que não é determinada unicamente por aspectos biológicos, mas socioculturalmente produzida e historicamente situada. Nesse sentido, o critério cronológico aparece como um marcador relevante a partir do século XX (DEBERT, 1994). No Brasil, por exemplo, são considerados idosos as pessoas com 60 anos de idade ou mais (BRASIL, SENADO FEDERAL, 2003).

Por sua natureza dinâmica, o envelhecimento engendra experiências diversas (MERCADANTE, 2005), bem como compõe-se de ganhos e perdas que acontecem ao longo da vida (BALTES; SMITH, 2006). Logo, há formas muito distintas de envelhecer (D'ALENCAR, 1997), pois é a história de vida de cada pessoa que constitui e

configura seu envelhecimento e respectiva velhice (DEBERT, 1994). Para este estudo, interessa investigar a relação de mitos e estereótipos com ambos os fenômenos.

O significado de mito, em geral, engloba narrativas sobre a origem. Ora de realidades amplas, como o surgimento da vida, ora de questões pontuais, como um comportamento ou objeto (ELIADE, 2019). Estereótipos, por sua vez, caracterizam-se por generalizações, normalmente dirigidas a grupos ou indivíduos (NERI, 2014). Ambos envolvem cobranças e expectativas sociais, com as quais os indivíduos poderão ou não estar de acordo, o que pode afetar o equilíbrio da saúde física e mental. Particularmente, pelo fato de que o desajuste em relação a expectativas externas tende a fomentar o isolamento social (BARBOSA NEVES; SANDERS; KOKANOVIĆ, 2019; SHOLL-FRANCO; PEREIRA; FREITAS, 2004).

Fortalecer a discussão sobre a temática pode favorecer práticas e ações mais conscientes e menos desinformadas para com as pessoas idosas. A síntese do conhecimento produzido visa auxiliar a desconstrução dessas noções e apontar direções mais inclusivas, complexas e propositivas, tanto de investigação, como de intervenção. Em buscas realizadas durante a elaboração desta pesquisa, não foram encontrados estudos ou protocolos similares ao presente trabalho.

## 2 Objetivos

Revisar a literatura científica brasileira especializada em envelhecimento e velhice, buscando caracterizar o conhecimento produzido acerca de mitos e estereótipos. A revisão teve como norte a pergunta: qual o conhecimento e o debate sobre mitos e estereótipos da velhice e do envelhecimento publicados em periódicos brasileiros de gerontologia?

## 3 Estratégia de pesquisa

Foi realizada uma revisão de escopo. Trata-se de uma revisão sistematizada da literatura, utilizada para mapear, caracterizar e sintetizar conhecimentos de um campo acerca de um determinado tema abrangente. Em geral, é utilizada para assuntos que possuem pouca evidência científica ou para se verificar o quão robusta é a produção sobre aquele tema (TRICCO et al., 2018b).

Uma revisão de escopo segue as seguintes etapas: 1) Definição e alinhamento do(s) objetivo(s) e da(s) questão(ões) de pesquisa; 2) Desenvolvimento e alinhamento dos critérios de inclusão com o(s)/a(s) objetivo(s)/pergunta(s) da pesquisa; 3) Descrição da abordagem planejada para busca de evidências, seleção, extração de dados e apresentação de evidências; 4) Busca das evidências; 5) Seleção das evidências; 6) Extração das evidências; 7) Análise das evidências; 8) Apresentação dos resultados; 9) Resumo das evidências em relação ao objetivo da revisão, tirando conclusões e observando implicações das descobertas (TRICCO et al., 2018b).

Para esta pesquisa, foram adotados os critérios estabelecidos pelo Instituto Joanna Briggs (JBI) e os Itens de Relatório Preferidos para Revisões Sistemáticas e Meta-análises - Extensão Para Revisões de Escopo – PRISMA-ScR (PAGE et al., 2021). O JBI é um instituto de pesquisa australiano considerado referência internacional no desenvolvimento de processos relacionados com a sistematização da produção científica e a disseminação de informações baseadas em evidências (AROMATARIS; MUNN, 2020). O PRISMA-ScR, por sua vez, é um guia produzido por especialistas em transparência e qualidade de dados em pesquisas (TRICCO et al., 2018b), sendo uma das principais ferramentas recomendadas pelo JBI para o desenvolvimento, o registro e a divulgação de revisões de escopo (PETERS et al., 2020).

Não foi necessária a aprovação de comitê de ética para o presente estudo por se tratar de pesquisa bibliográfica. O guia (Anexo) apresenta uma lista de 20 itens obrigatórios e dois itens opcionais que devem figurar em revisões dessa natureza. O protocolo de pesquisa (Apêndice) foi registrado e disponibilizado de forma pública na plataforma Open Science Framework (OSF).

A questão norteadora do presente estudo foi formulada seguindo as recomendações da JBI (PETERS et al., 2020). Utilizando a estrutura mnemônica População/Participantes, Conceito e Contexto (PCC), definiu-se: o que periódicos brasileiros de gerontologia (contexto) têm debatido e publicado acerca dos mitos e dos estereótipos (conceitos) da velhice e do envelhecimento? (população/participantes). Juntamente, outras perguntas relevantes ao objetivo da pesquisa foram elencadas: quais as definições de mitos e estereótipos utilizadas? Quais os principais mitos e estereótipos sobre a velhice e o envelhecimento discutidos? Qual o perfil de idoso ou de velhice que tem sido considerado nas pesquisas analisadas?

Sabendo que parte dos periódicos selecionados não apontam associação explícita ao campo gerontológico, foram entendidos como periódicos de gerontologia aqueles especializados na divulgação e na publicação de pesquisas sobre velhice e envelhecimento humano no Brasil. Ainda, foram considerados os periódicos que: encontravam-se em atividade; caracterizavam-se como brasileiros; apontavam interesse ou especialização em velhice e/ou envelhecimento no título, na missão ou no escopo; ofereciam a opção de acesso aberto e gratuito aos artigos publicados; disponibilizavam os artigos em formato digital.

No total, foram nove os periódicos que serviram de fonte para a pesquisa: 1) Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento (EISE); 2) Mais 60; 3) Revista Kairós Gerontologia (Kairós); 4) Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano (RBCEH); 5) Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia (RBGG); 6) Geriatrics, Gerontology and Aging (GGA); 7) Revista Amazonense de Geriatria e Gerontologia (RAGG); 8) Revista Longevidade; 9) Pan-American Journal of Aging Research (PAJAR).

Nos periódicos citados, a busca foi realizada a partir dos seguintes descritores no campo de busca dos periódicos citados: ("mito" OR "mitos" OR "estereótipo" OR "estereótipos"). Devido às características dos buscadores da Mais 60 e da RAGG, empregou-se, nesses casos, a busca personalizada, descrita em detalhes no Apêndice.

Todas as etapas a seguir foram realizadas de forma independente e autônoma por dois pesquisadores. Inicialmente, estes fizeram a inserção dos arquivos contendo os resultados do levantamento na ferramenta organizadora Parsifal, versão 2.2 (FREITAS, 2021). Em seguida, foram removidos os artigos duplicados. Com base nos critérios de inclusão, foi feita a leitura dos títulos, dos resumos e das palavras-chave. Caso a leitura desses itens fosse insuficiente para determinar a elegibilidade, a leitura integral dos textos era realizada. Ao fim desta etapa, os artigos foram classificados como incluídos, excluídos ou duplicados.

Finalmente, os pesquisadores analisaram em conjunto as classificações realizadas. Nos casos em que houve discordância quanto à inclusão ou exclusão de algum artigo, uma terceira pesquisadora foi convidada para analisá-lo e decidir acerca da inclusão. Conforme recomenda o JBI, elaborou-se um formulário personalizado para a extração de dados. Um teste prévio com 10 artigos foi realizado e atualizações ou aprimoramentos do formulário, quando necessário, ocorreram ao longo do estudo.

Foram extraídos dados externos e internos dos artigos. Os dados externos são: autores, área de formação, instituições associadas, periódico e local de origem. Em seguida, os dados internos: título, ano de publicação, objetivos, tipo de estudo, métodos, resultados, conclusão, se define ou não mitos e estereótipos, quais as definições de mitos e estereótipos empregadas, quais os principais mitos e estereótipos discutidos, conceitos mais presentes e outros dados pertinentes ao objetivo da pesquisa.

Os resultados encontrados nas bases foram exportados por meio de arquivos como Information Systems Research (RIS) ou BibTex. Os que não permitiam essa forma de exportação foram baixados em PDF, inseridos

---

no gerenciador de referências Mendeley e, em seguida, exportados no formato BibTex. Os estudos encontrados foram gerenciados, inicialmente, através da ferramenta Parsifal. Trata-se de um software gratuito e online, desenvolvido para auxiliar pesquisadores nas etapas de planejamento, execução, registro e disseminação de revisões de literatura. A partir dele, realizam-se desde a etapa de escrita do protocolo até a gestão e a exportação de dados para o texto final.

Em seguida, no Google Planilhas, os dados foram organizados e categorizados. Após, investiu-se na análise das variáveis de interesse, feita de forma descritiva. Agrupamentos por semelhança, a exemplo do realizado nos principais mitos e estereótipos, foram executados de forma livre, a partir da identificação de repetições e frequências. A discussão ancora-se nas definições sobre mitos e estereótipos e na aproximação da literatura gerontológica previamente apresentadas. Também, foram identificados e organizados de forma livre e por conveniência os consensos e as recomendações feitas pelos autores em suas discussões, conclusões e considerações finais. Por fim, o banco de dados integral foi disponibilizado no repositório da OSF, no link previamente apontado.

### **3.1 Critérios de inclusão**

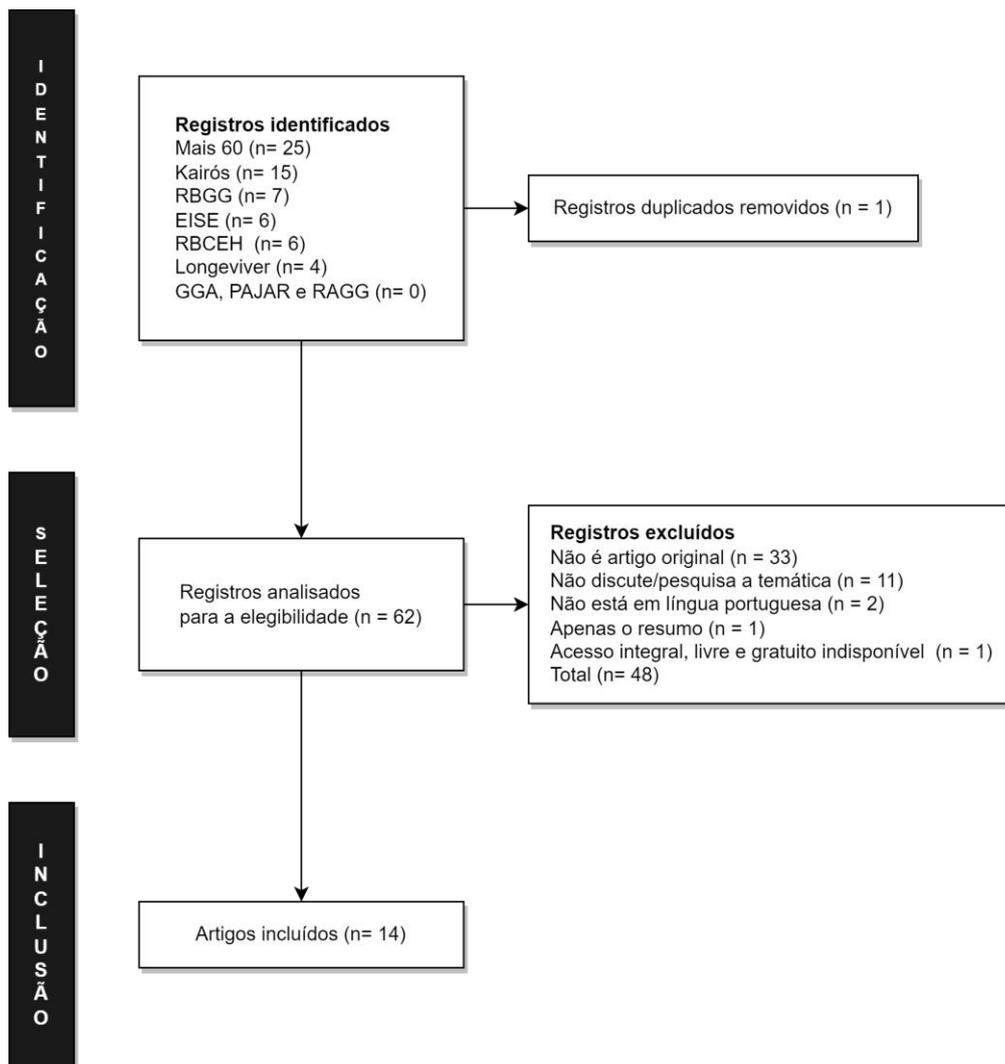
Dois pesquisadores realizaram o levantamento bibliográfico de forma independente a partir dos critérios apresentados a seguir: artigos originais e de revisão, em língua portuguesa, publicados até 2021 e que envolvessem a pesquisa ou a discussão objetiva de mitos e estereótipos da velhice e do envelhecimento.

Foram excluídos artigos: 1) apenas com resumo disponível; 2) que mencionavam mitos/estereótipos, porém não os investigava ou aprofundava a discussão; 3) indisponíveis em arquivo digital gratuito, aberto, livre e na íntegra; 4) que não foram publicados em língua portuguesa; 5) que não eram originais/pesquisas científicas/de revisão; e 6) publicados após 2021.

## **4 Resultados**

O processo de busca retornou 63 publicações, com 14 artigos incluídos e 49 excluídos. A Figura 1 apresenta o processo.

Figura 1 - Fluxograma PRISMA



Fonte: Elaboração pelos autores (2022)

#### 4.1 Caracterização da autoria: dados externos

No Quadro 1, são apresentados cronologicamente os artigos revisados de acordo com autoria, título, periódico, localização geográfica apontada nos textos e instituições associadas.

Quadro 1 – Artigos incluídos para revisão

<b>Autoria</b>	<b>Título</b>	<b>Periódico</b>	<b>Localização</b>	<b>Instituições associadas</b>
(GROISMAN, 1999)	Asilos de velhos: passado e presente	EISE	Rio de Janeiro	PUC / UERJ (Rio de Janeiro)
(STREY et al., 1999)	Velhice e casamento, vivências e visões	EISE	Rio Grande do Sul	PUC - RS
(MAZUTTI; SCORTEGAGNA, 2006)	Velhice e envelhecimento humano: concepções de pré-escolares do município de Tapejara - RS	RBCEH	Rio Grande do Sul	UPF (RS)
(DA SILVA; PEDROSA, 2009)	Sexualidade e Etarismo: análise do discurso em uma lista de debates na Internet	EISE	Pará / Internet	UFPA
(MUENZER; ALVES, 2011)	A percepção da velhice por jovens militares	Kairós	Brasília	UCB (Brasília)
(BERZINS; MERCADANTE, 2012)	Piadas de “mau gosto” sobre pessoas idosas: a disseminação do preconceito à velhice	Mais 60	Internet	Não identificado.
(RABELO; LIMA, 2012)	Conhecimento e Atitude de Futuros Profissionais da Saúde em Relação à Sexualidade na Velhice	Kairós	Minas Gerais / Bahia	UFRB (Bahia)
(PICCOLI et al., 2013)	Idosos “roqueiros” e juventude eterna: pistas para reflexão	Kairós	São Paulo	EACH/USP
(ROZENDO; ALVES, 2015)	Sexualidade na terceira idade: tabus e realidade	Kairós	Mato Grosso	UFMT
(VIEIRA et al., 2016)	Estereótipos dos idosos retratados nos Desenhos Animados da filmografia ocidental	Kairós	Brasília	UCB (Brasília)
(CASSÉTTE et al., 2016)	HIV/aids em idosos: estigmas, trabalho e formação em saúde	RBGG	Minas Gerais	Universidade Federal de São João Del Rey
(UCHÔA et al., 2016)	A sexualidade sob o olhar da pessoa idosa	RBGG	Belém, Pará	Centro Universitário do Pará (CESUPA)
(GIULIANI; SAMPAIO, 2021)	O processo de envelhecimento nos filmes: estigmatização, enfrentamento e intergeracionalidade em Up – Altas Aventuras	Kairós	Não identificado	UCB (Brasília)
(BATISTA; TEIXEIRA, 2021)	O cenário do mercado de trabalho para idosos e a violência sofrida	RBGG	Viçosa, Minas Gerais	Universidade Federal de Viçosa

Fonte: Elaboração pelos autores (2022)

Embora esta pesquisa considere o início de atividade dos periódicos, cujo mais antigo (Mais 60) data de 1977, é apenas na virada para o século XXI que a publicação envolvendo mitos e estereótipos surge em

periódicos nacionais de gerontologia. Apesar da lacuna de tempo, nota-se que após os anos 2000 a temática tornou-se frequente, indicando um aumento de sua popularidade em pesquisas na área.

Ao olhar para instituições associadas, percebe-se que, com exceção de um estudo (BERZINS; MERCADANTE, 2012), todas as publicações encontram-se vinculadas a instituições de ensino superior, notadamente instituições católicas (n= 5) e federais (n= 5). Também, que a Kairós, periódico de uma instituição católica de ensino superior, foi a que mais publicou dentre os selecionados (n= 6).

Analisando a totalidade dos autores envolvidos nas 14 publicações (n= 47), tem-se que são majoritariamente do sexo feminino (n= 37), estudantes e profissionais da área da saúde (n= 38), sem formação ou especialização nos campos da gerontologia e do envelhecimento (n= 38). Em termos geográficos, a maioria dos estudos (n= 7) localiza-se no eixo Sul-Sudeste, seguido pelo Centro-Oeste (n= 3). O Norte do país conta com dois estudos, seguido pelo Nordeste, com um. Dois estudos (BERZINS; MERCADANTE, 2012; DA SILVA; PEDROSA, 2009) não informam a localização, apontando a internet como local de realização das pesquisas. Por fim, embora fosse possível identificar uma instituição associada de Brasília, um estudo (GIULIANI; SAMPAIO, 2021) não apresentava informações que pudessem confirmar sua localização.

#### 4.2 Caracterização dos artigos

Apenas três estudos (GIULIANI; SAMPAIO, 2021; MAZUTTI; SCORTEGAGNA, 2006; VIEIRA et al., 2016) possuem a investigação sobre mitos e estereótipos como um de seus objetivos, destacados em negrito no Quadro 2. A maioria dos artigos (n= 11) não parte do interesse em investigar a temática, discutindo-a conforme essa surge no decorrer de suas respectivas pesquisas.

Quadro 2 – Objetivos e Resultados

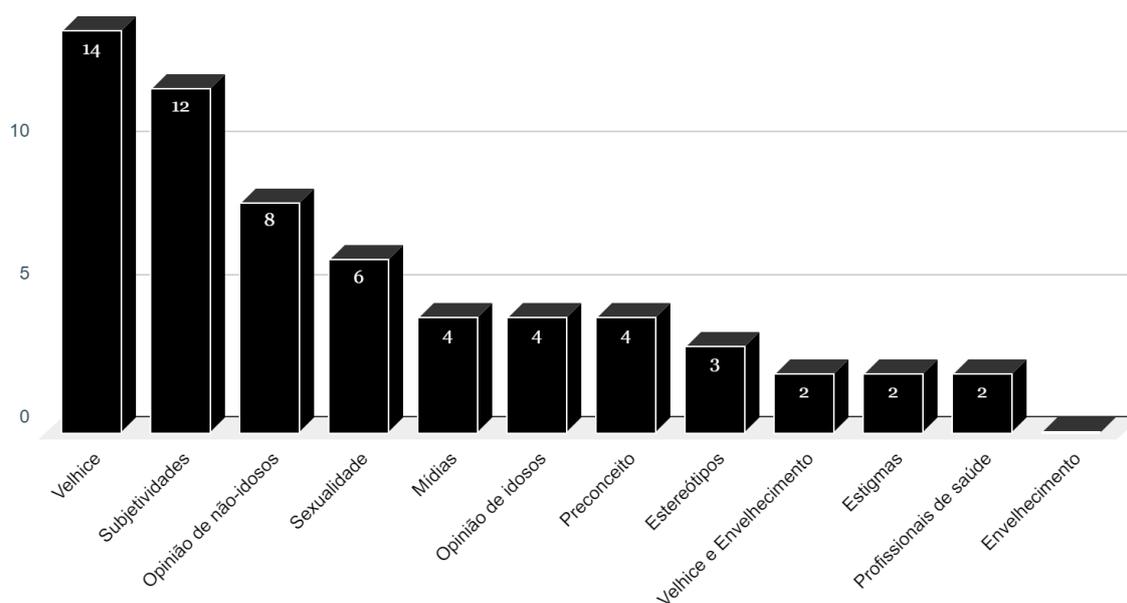
Autoria	Objetivos	Resultados
(GROISMAN, 1999)	Investigar o papel dos asilos de velhos na história da velhice no Brasil.	Notícias sobre o Asilo São Luiz foram peças relevantes para a construção social da velhice.
(STREY et al., 1999)	Conhecer a visão do casamento do homem e da mulher idosos, abrangendo o nível de satisfação e as mudanças acontecidas na sexualidade da velhice.	Há conformidade aos estereótipos vigentes sobre papéis para homens e mulheres, formação de família e satisfação conjugal.
(MAZUTTI; SCORTEGAGNA, 2006)	Conhecer as concepções de pré-escolares acerca do envelhecimento humano e identificar mitos e estereótipos relacionados à velhice.	Concepções de velhice e envelhecimento são construídas ao longo da vida. Convivência intergeracional na infância contribui positivamente nessas construções.
(DA SILVA; PEDROSA, 2009)	Analisar discursos sobre sexualidade e velhice em um foro de debates na Internet.	Discursos em defesa da diversidade e da inclusão dos idosos têm surgido em resposta a discursos etaristas na internet.
(MUENZER; ALVES, 2011)	<b>Analisar a visão de jovens militares entre 18 e 23 anos de idade e a possível correlação com a existência ou não de preconceitos sobre o envelhecimento, a velhice e o idoso.</b>	<b>Falta de informação pode criar estereótipos negativos sobre a velhice, os quais precisam ser vencidos mediante uma educação voltada para o envelhecimento.</b>
(BERZINS; MERCADANTE, 2012)	Refletir sobre a perversidade e a discriminação reveladas nas piadas que circulam e desabonam os mais velhos.	Idosos são vítimas constantes de discriminação em piadas, carregadas de preconceitos e estereótipos sobre a velhice.

(RABELO; LIMA, 2012)	Investigar o conhecimento e a atitude de estudantes universitários da área da saúde em relação à sexualidade do idoso.	O conhecimento e a atitude que futuros profissionais têm sobre estereótipos e preconceitos em relação à sexualidade na velhice podem interferir na sua atuação profissional.
(PICCOLI et al., 2013)	Investigar como se sente um idoso que se considera roqueiro e como ele percebe as relações entre o rock, a juventude e a velhice.	Idosos roqueiros negam a busca pela juventude eterna, porém, paradoxalmente, não se entendem como idosos.
(ROZENDO; ALVES, 2015)	Analisar a maneira como a sexualidade é retratada e vivenciada na terceira idade	Homoafetividade e sexo casual na velhice ainda são tabus nos campos de pesquisa, cultura e política. A sexualidade continua sendo vivenciada pelos idosos.
(VIEIRA et al., 2016)	<b>Analisar os estereótipos positivos e negativos dos idosos retratados nos DAn para crianças na filmografia ocidental.</b>	<b>Representações de idosos em desenhos animados são majoritariamente positivas. Entretanto, estereótipos negativos tendem a ser realçados, prejudicando a imagem do idoso diante das crianças.</b>
(CASSÉTTE et al., 2016)	Analisar a atuação de profissionais de saúde com idosos HIV positivos em um serviço público de saúde.	Estigmas e preconceitos vinculados ao HIV e à sexualidade na velhice estão presentes no processo de trabalho dos profissionais de saúde, impactando o tratamento e interferindo nos processos de saúde e adoecimento.
(UCHÔA et al., 2016)	Identificar a percepção dos idosos sobre a sexualidade.	Desinformação sobre envelhecimento e sexualidade favorece o mito de que idosos são assexuados. Sociedade, religião e família surgem como repressores da sexualidade na velhice.
(GIULIANI; SAMPAIO, 2021)	<b>Explorar a relação intergeracional nos aspectos relacionados aos estereótipos e à estigmatização da velhice e do indivíduo idoso, preconceito e enfrentamento por meio da animação norte-americana “UP” (2009).</b>	<b>Relacionamento intergeracional promove benefícios ao processo de construção de estereótipos positivos e valorização dos idosos. Também, pode auxiliar positivamente no processo de enfrentamento da aposentadoria e viuvez.</b>
(BATISTA; TEIXEIRA, 2021)	Analisar sistematicamente as publicações referentes ao cenário do mercado de trabalho para idosos e às situações de violência enfrentadas pelos idosos ativos.	Inadequação do local de trabalho, ageísmo, estereótipos e condição de saúde são fatores que dificultam a entrada e a permanência de idosos no mercado de trabalho.

Fonte: Elaboração pelos autores (2022)

Na Figura 2, identificou-se que todas as publicações versam sobre a velhice, majoritariamente interessadas em aspectos subjetivos (n= 12) de pessoas não-idosas (n= 8) sobre essa etapa da vida ou sobre os idosos em si. A sexualidade surge como um interesse frequente (n= 6). Ainda, nota-se que nenhum deles aponta o processo de envelhecimento como seu foco único ou principal de investigação.

**Figura 2** – Interesses de pesquisa dos estudos selecionados para revisão de escopo sobre mitos e estereótipos da velhice e do envelhecimento



Fonte: Elaboração pelos autores (2022)

Foi realizada, igualmente, a análise dos métodos empregados nos estudos. Em geral, as pesquisas apresentam determinadas fragilidades em suas estruturas metodológicas. Destacam-se descrições pouco aprofundadas dos métodos e ausência de informações relevantes sobre as pesquisas, como períodos de execução e ferramentas utilizadas para coleta dos dados. Igualmente, a maioria dos estudos (n= 9) não descreve procedimentos e teorias empregadas para a análise dos dados.

Embora oito estudos envolvam seres humanos, apenas quatro mencionam submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Saliencia-se, ainda, que os objetivos e as metodologias identificadas revelam a natureza empírica (n= 13) e exploratória das investigações. Em sua maioria, qualitativas (n= 11) e envolvendo interlocutores não-idosos (n= 8). Também, com curtos períodos de execução, sendo que das sete pesquisas que informam o tempo utilizado, quatro apontam duração de até dois meses, enquanto as outras três oscilam entre seis e oito meses. De mesmo modo, com amostras pequenas (n=11), sendo que 10 estudos incluem de um a 60 interlocutores, juntamente de um que inclui 200 interlocutores. No Quadro 3, são apresentados os elementos metodológicos em detalhes.

**Quadro 3** – Métodos do Artigo

PUBLICAÇÕES	APRESENTA O MÉTODO	APROFUNDA O MÉTODO	PERÍODO	LOCALIZAÇÃO	FERRAMENTAS	ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS	ENVOLVE HUMANOS	COMITÊ DE ÉTICA E TCLE
(GROISMAN, 1999)	Não	Não	Não identificado	Sudeste (RJ)	Não identificado	Não identificado	Não	Não se aplica
(STREY et al., 1999)	Não	Não	Não identificado	Sul (RS)	Questionário	Não identificado	Sim	Não
(MAZUTTI; SCORTEGAGNA, 2006)	Sim	Sim	Agosto - Setembro de 2005	Sul (Rio Grande do Sul)	Oficinas	Análise temática (Minayo)	Sim	Sim
(DA SILVA; PEDROSA, 2009)	Não	Sim	Novembro de 2007	Virtual (Pará)	Não identificado	Não identificado	Não	Não se aplica

(MUENZER; ALVES, 2011)	Sim	Sim	Um encontro	Brasília (DF)	Questionário Sociodemográfico; Escala Diferencial Semântica de Atitudes em Relação à Velhice; Inventário Sheppard para Avaliação de Atitudes em Relação à Velhice	Não identificado	Sim	Não
(BERZINS; MERCADANTE, 2012)	Não	Não	Não identificado	Virtual	Não identificado	Não identificado	Não	Não se aplica
(RABELO; LIMA, 2012)	Sim	Sim	Não identificado	Sudeste (MG / BA)	Ficha de informações sociodemográficas; Escala ASKAS	Análise estatística	Sim	Sim
(PICCOLI et al., 2013)	Não	Sim	Não identificado	Sudeste (SP)	Entrevistas	Não identificado	Sim	Apenas TCLE
(ROZENDO; ALVES, 2015)	Sim	Sim	Fevereiro - Junho de 2015	Centro-Oeste (Mato Grosso)	Entrevistas	Não identificado	Sim	Apenas TCLE
(VIEIRA et al., 2016)	Sim	Sim	Não identificado	Virtual (Brasília, DF)	Escala para Avaliação de Atitudes em Relação ao Idoso	Não identificado	Não	Não se aplica
(CASSÉTTE et al., 2016)	Sim	Sim	Fevereiro - Outubro de 2012	Sudeste (MG)	Entrevistas semiestruturadas; gravação e transcrição dos dados.	Análise temática (Bardin)	Sim	Sim
(UCHÔA et al., 2016)	Sim	Sim	Janeiro - Fevereiro de 2014	Norte (Belém, Pará)	Questionário próprio, previamente testado;	Análise descritiva; teste G de aderência	Sim	Sim
(GIULIANI; SAMPAIO, 2021)	Sim	Não	Não identificado	Virtual	Não identificado	Análise de conteúdo	Não	Não se aplica
(BATISTA; TEIXEIRA, 2021)	Sim	Sim	Agosto de 2020 a Janeiro de 2021	Sudeste (Viçosa, MG)	Login institucional	Não identificado	Não	Não se aplica

Fonte: Elaboração pelos autores (2022)

Em seguida, buscou-se identificar definições de mitos e estereótipos utilizadas nos artigos. Verificou-se que os termos tendem a ser utilizados em resumos e conclusões, porém sem serem conceituados, discutidos ou investigados. Apenas um artigo (VIEIRA et al., 2016, p. 93) conceitua, com base na literatura científica (MARTINS; RODRIGUES, 2004, p. 249-254; PALACIOS; TORRES; MENA, 2009, p. 385-390), o termo estereótipo, a saber: "Estereótipos são representações simplificadas que mantemos sobre um grupo social, sendo utilizadas por grande número de pessoas, ou como crenças, estruturas de conhecimentos, e pensamentos. Esta generalização pode ser positiva ou negativa".

### 4.3 Mitos e estereótipos mais discutidos pela literatura

Com base no estudo dos resultados e das discussões elaboradas pelos autores das 14 publicações, mitos e estereótipos foram organizados por semelhança em cinco grupos. Do maior para o menor, considerando o número de menções que compõem cada grupo, são eles: Sexualidade e Gênero; Degeneração e Finitude; Produtividade e Participação Social; Papéis Etários; e Moralidade. Uma síntese é apresentada no Quadro 4.

**Quadro 4 - Agrupamentos por semelhança dos mitos e dos estereótipos**

<b>Grupo de mitos e estereótipos</b>	<b>Síntese</b>	<b>Artigos</b>
<b>Sexualidade e Gênero (17 menções)</b>	A velhice é assexuada. Idosos não fazem sexo, não possuem desejo, interesse ou capacidades. Especialmente no caso das mulheres idosas, que devem se ocupar com o cuidado. E mesmo assexuada, a velhice é heteronormativa, pois idosos homossexuais são vistos como aberrações.	Strey et al., 1999; Groisman, 1999; Silva e Pedrosa, 2009; Muenzer & Alves, 2011; Berzins & Mercadante, 2012; Rabelo & Lima, 2012; Rozendo & Alves, 2015; Uchôa et al., 2016; Casséte et al., 2016.
<b>Degeneração e Finitude (15 menções)</b>	O envelhecimento é tido como um processo de perdas, unicamente degenerativo. Os velhos são pessoas feias, doentes e dependentes; possuem problemas físicos e mentais. A velhice é sinônimo de desgraça e decadência, sendo a morte seu desfecho principal.	Groisman, 1999; Mazutti & Scortegagna, 2006; Muenzer & Alves, 2011; Berzins & Mercadante, 2012; Vieira et al., 2016; Giuliani et al., 2020.
<b>Produtividade e Participação Social (8 menções)</b>	Velhos vivem isolados do mundo, presos ao passado. Não fazem nada de útil, logo, deveriam ir para um asilo, que é o lugar deles.	Groisman, 1999; Berzins & Mercadante, 2012; Vieira et al., 2016; Casséte et al., 2016; Batista & Teixeira, 2021.
<b>Papéis Etários (5 menções)</b>	Idosos voltam a ser crianças e as pessoas não se reconhecem como idosas. Velho é sempre o outro. Elas são jovens de alma e espírito. Só fica velho quem quer.	Groisman, 1999; Mazutti & Scortegagna, 2006; Muenzer & Alves, 2011; Picolli et al., 2013; Vieira et al., 2016.
<b>Moralidade (3 menções)</b>	Idosos são seres sábios. Em sua sabedoria, podem ser bons, verdadeiros santos, próximos de Deus e longe do mundo. Ou podem ser maus, vilões mal-humorados e infelizes.	Groisman, 1999; Vieira et al., 2016.

Fonte: Elaboração pelos autores (2022)

#### 4.4 Consensos e encaminhamentos

Foram identificados e organizados consensos frente às conclusões ou às considerações finais apresentadas no que se refere aos mitos e aos estereótipos, e aos desfechos alcançados. As consonâncias organizadas baseiam-se nas conclusões e nas considerações finais dos artigos, envolvendo, muitas vezes, encaminhamentos e opiniões dos próprios autores sobre os dados analisados.

Resumidamente, os artigos apontam para a educação e a formação gerontológica como um caminho para promover uma atenção qualificada à velhice e ao envelhecimento no Brasil, alinhando-se com orientações, leis e políticas públicas nacionais e internacionais. Igualmente, convergem sobre a necessidade de se combater imagens e representações enganosas, a exemplo daquelas que concebem os velhos como seres assexuados. Por fim, reforçam que essas dinâmicas se configuram e desenvolvem lógicas próprias, de acordo com cultura e a sociedade, assim como os indivíduos incorporam e reproduzem ideias, símbolos, discursos e significações socialmente construídas e culturalmente perpetuadas.

Em suma, pode-se entender que quem escreve sobre os mitos e os estereótipos da velhice e do envelhecimento no Brasil, em periódicos especializados em envelhecimento, no geral, são mulheres, profissionais da saúde, sem formação gerontológica ou especialização nestes campos. Ainda, os estudos estão sob o guarda-chuva de instituições de ensino superior, majoritariamente localizadas nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do país.

Os interesses de pesquisa apontam para as subjetividades acerca da velhice, ao mesmo tempo em que se distanciam de uma discussão e investigação na perspectiva do processo de envelhecimento. Da mesma forma, mitos e estereótipos tendem a não ser conceituados e encontram-se às margens dos objetivos revisados, surgindo como desfecho nos estudos realizados. A estrutura das publicações não se organiza de forma padronizada, inclusive com itens difusos, ausentes ou apresentados de maneira pouco clara. Ainda assim, foi possível identificar e agrupar os principais mitos e estereótipos presentes nas pesquisas, assim como apontar convergências no que diz respeito às conclusões e às considerações finais.

## 5 Discussão

A presente revisão de escopo debruçou-se sobre a produção científica brasileira, cobrindo mais de 40 anos de publicações em periódicos nacionais de gerontologia. A seguir, são discutidos os resultados no que tange à caracterização das publicações. Na segunda parte, são tratados os principais mitos e estereótipos.

A literatura analisada caracteriza-se, majoritariamente, por estudos oriundos da área da saúde, escritos por autores sem formação ou especialização em envelhecimento. Além da pouca produção científica proveniente de outras áreas que não sejam a saúde, destacam-se outros desafios a serem superados em pesquisas futuras, a saber: a necessidade de expansão das investigações em outras regiões do país, especialmente Norte e Nordeste; a presença de mitos e estereótipos ao longo do processo de envelhecimento, não apenas na velhice; pesquisas envolvendo número maior e mais diversificado de participantes; apresentação e exploração dos conceitos utilizados; produção de instrumentos mais abrangentes que possam ser aplicados em diferentes realidades, frente a um país de natureza multicultural; entre outros, no geral, relacionados às fragilidades metodológicas.

Embora a produção tenha crescido a partir do século XXI, ainda se apresenta tímida, fragmentada e escassa. Mesmo que todos os artigos tenham velhice/idosos como foco, via de regra recorrem a perspectivas subjetivas de crianças, jovens e adultos como fontes de informação. Faz-se necessário reafirmar a importância de promover estudos que abordem a velhice não como uma etapa estática, destacada do curso da vida, mas como parte integrante do processo de envelhecimento. Também, que incluam idosos entre seus participantes. Apesar das dificuldades e das lacunas, nota-se um avanço relevante promovido pelos estudos, nos mais diferentes contextos e perspectivas investigados. Trata-se da constatação uníssona dos efeitos nocivos de mitos e estereótipos sobre a velhice.

Os agrupamentos realizados para organizar os mitos e os estereótipos visam unicamente sistematizar os resultados. Na realidade social, entende-se que diferentes mitos e estereótipos coexistem de forma complexa,

sobreposta e integrada. No grupo Sexualidade e Gênero, por exemplo, a velhice assexuada aparece como sendo o mito/estereótipo de maior frequência, apresentando-se em nove (Quadro 4) das 14 publicações analisadas. Esse mesmo mito/estereótipo abarca concepções negativas e de degeneração sobre a velhice. Não menos, articulam expectativas de papéis etários e participação social sem deixar de lado aspectos notadamente morais. Assim, um mesmo mito/estereótipo pode perpassar os cinco agrupamentos apontados.

Concepções sobre a velhice assexuada fazem com que a expressão da sexualidade por idosos seja vista como um desvio. Também, instituições concebidas como ambientes geriátricos, a exemplo das Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), podem privar os idosos de oportunidades e estímulos ao sexo, assim como a família pode negar a sexualidade de seus membros mais velhos (RIBEIRO, 2002). Tal fato é reforçado em um dos estudos, cujos resultados apontam a família, a religião e a sociedade como repressores da expressão sexual de idosos (UCHÔA et al., 2016). Além de um mito, torna-se um tabu.

Esse tipo de mentalidade pode levar profissionais que trabalham com o público idoso a desconsiderar e silenciar uma parte fundamental da vida do público com o qual atuam, conforme identificado nos estudos analisados (CASSÉTTE et al., 2016; UCHÔA et al., 2016). Embora o desejo sexual e outras formas de expressão da sexualidade não deixem de existir na velhice, elas tendem a ser reprimidas e invisibilizadas em residenciais e ILPIs (VILLAR, 2019). Porém, são raras ou inexistentes políticas e orientações profissionais sobre como administrar tais situações (LESTER et al., 2016).

Degeneração e Finitude concentra generalizações que apresentam o envelhecimento como um processo de perdas e adoecimentos. A velhice, por sua vez, como o ápice da degeneração, etapa própria da decadência e da morte. Deve-se lembrar que a morte cabe a qualquer ser vivo, em qualquer idade. Ainda, refutando essa visão de que envelhecimento é um processo apenas de perdas, dados recentes (LOSADA-BALTAR et al., 2020) sugerem que, mais do que idosos, jovens têm maiores chances de experimentar angústias psicológicas e solidão no isolamento, em razão da pandemia de COVID-19. Da mesma forma, a compreensão da velhice como antecâmara da morte não se sustenta quando se olham os achados da literatura. Em um estudo com amostra de 2.740 idosos, Song, Mitnitski e Rockwood (2010) observaram que, ao invés da idade cronológica, índices de fragilidade são muito mais consistentes na predição da morte entre idosos de diversas faixas etárias.

Em Produtividade e Participação Social, ideias como isolamento, nostalgia, inutilidade e pertencimento de velhos ao asilo foram identificadas. Nesse contexto, cabe o questionamento: os idosos vivem mesmo presos ao passado ou essa seria uma expectativa projetada sobre eles? A reflexão sobre essas questões, estimuladas pela revisão aqui realizada, visa contribuir com a compreensão sobre as representações simbólicas da velhice, exploradas nas pesquisas analisadas. Sejam elas exageradamente negativas ou positivas, é preciso investigar a influência que exercem nos indivíduos e nas coletividades, interferindo, conseqüentemente, na participação social e no respeito às diferenças. A contínua produção de propósitos e significados, forte esteio das identidades, é outra esfera da vida comumente comprometida por tais noções.

Igualmente, em Papéis Etários, a idade é apresentada como marcador social relevante da compreensão que os indivíduos têm de si e dos outros. Imagens distorcidas sobre a velhice, exagerando aspectos negativos ou aspectos positivos, endossam representações que não são representativas da heterogeneidade humana, nutrindo crises identitárias entre os idosos (YOKOMIZO, 2017). Não se identificar com a própria idade pode tornar ainda mais caro o pedágio que se paga em busca desse passaporte intergeracional (MARCELJA, 2012), principalmente quando é por meio do critério etário que se configuram diversos aspectos da vida social e do processo de envelhecimento.

Entretanto, como exposto até aqui, as concepções sobre o que parece ser entendido como próprio dos velhos não congregam todas as dimensões e as direções possíveis das velhices existentes. Em outras palavras, o repertório disponível de narrativas e imagens sobre a velhice, conforme os estudos examinados, parece ser limitado e homogêneo, tratando idosos especialmente como frágeis e debilitados. O mesmo repertório inclui

imagens positivadas sobre a velhice, a exemplo das veiculadas nas mídias, em prol do consumo, por meio de propagandas (PALACIOS, 2007). Tais imagens tendem a deixar de lado idosos de baixa renda ou com problemas de saúde (RIBEIRO, 2007).

Por fim, em *Moralidade* vemos narrativas e representações de idosos como sábios bondosos ou como malvados amargurados. Novamente, a velhice é representada através de lentes embaçadas por generalizações idealizadas e homogeneizadoras. Suportar e afirmar que alguém é sábio pode ser concebido como uma forma amorosa ou gentil de se referir aos mais velhos. Nesse sentido, idealizar os velhos na qualidade de inerentemente sábios pode configurar-se como um estereótipo positivo. De modo geral, estereótipos de cunho negativo têm sido mais relacionados com danos à saúde de idosos (BLANCO, 2020) e com atitudes condescendentes e desrespeitosas (BLANCO, 2020; CASANOVA; MACHADO; MELO, 2020). Contudo, percebe-se uma lacuna em termos de estudos que investiguem os efeitos de estereótipos positivos sobre a velhice e o envelhecimento.

Em suma, os estudos analisados lidam com a ausência de definições conceituais de mitos e estereótipos. No geral, tendem a tratar o primeiro como sinônimo de mentira e o último como preconceito ou uma visão generalizada. Apesar disso, foi possível identificar que a velhice assexuada e as concepções que associam a velhice e o envelhecimento com morte, perdas e decadência, são os estereótipos que mais se destacam na produção. Devido à ausência de detalhamento metodológico, não foi possível caracterizar o perfil de idosos e velhices considerados nas pesquisas.

## 6 Conclusão

Os esforços empreendidos neste estudo indicam a necessidade de ampliação da produção científica sobre mitos e estereótipos da velhice e do envelhecimento no Brasil, tanto em termos de quantidade como de variedade. A produção é tímida, fragmentada em contextos diversos e tem interesse, em sua maioria, nas subjetividades acerca da velhice. Deve-se ainda apontar que investimentos precisam ser realizados com o intuito de fortalecer os desenhos de pesquisa, que carecem de apresentação conceitual e metodológica claras. Certamente, esse avanço irá orquestrar um debate mais coeso e efetivo em termos interdisciplinares, uma vez que pesquisadores de diferentes áreas compartilham a temática.

O presente estudo apresentou cinco grupos de mitos e estereótipos que têm sido abordados e discutidos em pesquisas científicas publicadas nas últimas quatro décadas no Brasil. Dentre eles, destacam-se os que englobam compreensões acerca do envelhecimento como sinônimo de degeneração e dos velhos como indivíduos assexuados. Também, discursos e ações de agentes sociais diversos, como família ou instituições para idosos, podem ser responsáveis por fomentar e efetivar mitos e estereótipos e seus respectivos desdobramentos negativos.

Por fim, foram indicados consensos advindos dos estudos revisados, relevantes para o cenário atual que envolve a temática no Brasil, como a promoção do conhecimento gerontológico. Neste sentido, novas pesquisas precisam ser realizadas, especialmente no que tange à compreensão da diversidade da velhice como etapa da vida e do envelhecimento como processo de natureza biopsicossociocultural. Sugere-se, igualmente, um maior aprofundamento na compreensão estrutural dos mitos e dos estereótipos da velhice e do envelhecimento, assim como na investigação dos efeitos de mitos e estereótipos positivos.

Devido às limitações de recurso financeiro, a etapa de extração de dados foi realizada apenas por um pesquisador. Foram selecionadas publicações somente em português. Não foram analisadas produções publicadas em periódicos de outros campos do saber, assim como aquelas que, mesmo não se caracterizando

como pesquisas científicas originais, possuem potencial de contribuição para a construção de conhecimento sobre a temática.

## 7 Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

## 8 Financiamento

Este estudo foi financiado pelos autores.

## 9 Contribuição dos pesquisadores

Autor 1: pesquisa, metodologia, levantamento, extração, análise e escrita; Autor 2: metodologia, levantamento e revisão; Autor 3: metodologia, acompanhamento e revisão; Autor 4: metodologia, revisão e supervisão.

## Referências

AROMATARIS, Edoardo; MUNN, Zachary (Org.). **JBİ manual for evidence synthesis**. [s.l.]: JBI, 2020. Disponível em: <<https://wiki.jbi.global/display/MANUAL>>. Acesso em: 13 jan 2023.

BALTES, Paul B.; SMITH, Jacqui. Novas fronteiras para o futuro do envelhecimento: Da velhice bem sucedida do idoso jovem aos dilemas da Quarta Idade. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 17, n. 36, p. 7–31, 2006. Disponível em: <[https://pure.mpg.de/pubman/faces/ViewItemOverviewPage.jsp?itemId=item\\_3005184](https://pure.mpg.de/pubman/faces/ViewItemOverviewPage.jsp?itemId=item_3005184)>. Acesso em: 15 abr 2022.

BARBOSA NEVES, Barbara; SANDERS, Alexandra; KOKANOVIĆ, Renata. “It’s the worst bloody feeling in the world”: Experiences of loneliness and social isolation among older people living in care homes. **Journal of aging studies**, [s. l.], v. 49, p. 74–84, 1 Jun 2019. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0890406518304766>>. Acesso em: 13 jan 2023.

BATISTA, Rafaela Lopes; TEIXEIRA, Karla Maria Damiano. O cenário do mercado de trabalho para idosos e a violência sofrida TT - The labor market scenario for older people and the violence they suffer. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 6, 2021. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-98232021000600203&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232021000600203&lang=pt)>. Acesso em: 13 jan 2023.

BERZINS, Marília Viana; MERCADANTE, Elisabeth Frohlich. Piadas de “mau gosto” sobre pessoas idosas: a disseminação do preconceito à velhice. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 23, p. 7–18, 2012.

BLANCO, Ana Luiza. **Estereótipos da velhice e cultura organizacional: um estudo de suas relações em uma instituição de longa permanência para idosos**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gerontologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13215>>. Acesso em: 10 jun 2022.

BRASIL, SENADO FEDERAL. **Estatuto do Idoso**. Lei no 10.741, [s.l.: s.n.]. 2003. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.741.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm)>. Acesso em: 13 jan 2023.

CASANOVA, Giuliana; MACHADO, Idalina; MELO, Sara. The role of the Gerontologist in the fight against Ageism. Sociologia : **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v. 39, p. 5–18, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21747/08723419/soc39a1>>. Acesso em: 13 jan 2023.

CASSÉTTE, Júnia Brunelli et al. HIV/AIDS among the elderly: stigmas in healthcare work and training. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 5, p. 733–744, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1809-98232016019.150123>>. Acesso em: 13 jan 2023.

D’ALENCAR, Raimunda Silva. O Significado de Velhice em Comunidades Afro-Brasileiras. Kàwe: **Revista do Núcleo de Estudos Afro-Baianos regionais da UESC**, Ilhéus, v. 3, n. 1, p. 33–38, 1997.

DA SILVA, Anna Cruz de Araújo Pereira; PEDROSA, Aline da Silva. Sexualidade e Etarismo: análise do discurso em uma lista de debates na Internet. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 221–236, 2009.

DEBERT, Guita Grin. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. **Antropologia e velhice**, Campinas, v. 2, p. 7–27, 1994. Disponível em: <<http://www.mirelaberger.com.br/mirela/download/td13-guita.pdf>>. Acesso em: 13 jan 2023.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

FREITAS, Vitor. **Parsifal**, v. 2.2. 2021. Disponível em: <https://parsif.al/>. Acesso em: 22 mar. 2023.

GIULIANI, Fernanda Nelli Gomes et al. O processo de envelhecimento nos filmes: estigmatização, enfrentamento e intergeracionalidade em "Up – Altas Aventuras". **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 24, n. 1, p. 585-598, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/50690>. Acesso em: 13 jan. 2023

GROISMAN, Daniel. Asilos de velhos: passado e presente. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 2, p. 67–87, 1999.

LESTER, Paula E. et al. Sex in Nursing Homes: A Survey of Nursing Home Policies Governing Resident Sexual Activity. **Journal of the American Medical Directors Association**, Columbia, v. 17, n. 1, p. 71–74, Jan 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.jamda.2015.08.013>>. Acesso em: 13 jan 2023.

LOSADA-BALTAR, Andrés et al. Diferencias en función de la edad y la autopercepción del envejecimiento en ansiedad, tristeza, soledad y sintomatología comórbida ansioso-depresiva durante el confinamiento por la COVID-19. **Revista española de geriatría y gerontología**, Barcelona, v. 55, n. 5, p. 272–278, 2020. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0211139X20300640?via%3Dihub>>. Acesso em: 13 jan 2023.

MARCELJA, Karen Grujicic. A beleza como passaporte intergeracional. 2012. Dissertação (Mestrado em Gerontologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://tede.pucsp.br/handle/handle/12405>>. Acesso em: 10 jun 2022.

MARTINS, R. M. L.; RODRIGUES, M. D. L. M. Estereótipos sobre idosos: uma representação social gerontofóbica. **Millenium**, [s.l.], p. 249-254, 2004.

MAZUTTI, Cristiane; SCORTEGAGNA, Helenice. Velhice e envelhecimento humano: concepções de pré-escolares do município de Tapejara - RS. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 3, n. 2, p. 101–112, 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5335/rbceh.2012.77>>. Acesso em: 13 jan 2023.

MERCADANTE, Elisabeth Frohlich. Velhice: uma questão complexa. In:CORTE, Beltrina; MERCADANTE, Elisabeth Frohlich; ARCURI, Irene (orgs). **Velhice envelhecimento complex(idade)**. São Paulo: Editora Vetor, 2005.

MUENZER, Tatiana Mangetti Gonçalves; ALVES, Vicente Paulo. A percepção da velhice por jovens militares TT - The perception of old age by young military. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 131–141, 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/10055/7485>>. Acesso em: 13 jan 2023.

NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Palavras-chave em Gerontologia**. 4. ed. Campinas: Alínea, 2014. Disponível em: <[encurtador.com.br/fpxKW](http://encurtador.com.br/fpxKW)>. Acesso em: 13 jan 2023.

PAGE, Matthew J. et al. Updating guidance for reporting systematic reviews: development of the PRISMA 2020 statement. **Journal of clinical epidemiology**, [s. l.], v. 134, p. 103–112, Jun 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.jclinepi.2021.02.003>>. Acesso em: 13 jan 2023.

PALACIOS, Annamaria da Rocha Jatobá. Fragmentos do discurso publicitário para idosos no Brasil: estratégias de posituação da velhice, novos velhos ou novos mercados de consumo? In: 5º **SOPCOM – COMUNICAÇÃO E CIDADANIA**. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/1286>>. Acesso em: 10 jun 2022.

PALACIOS, C. S.; TORRES, M. T.; MENA, M. B. Negative aging stereotypes and their relation with psychosocial variables in the elderly population. **Archives of gerontology and geriatrics**, [s.l.], v. 48, n. 3, p. 385-390, 2009.

PETERS, Micah et al. Chapter 11: Scoping Reviews. In: AROMATARIS, E.; MUNN, Z. (Org.). **JBI Manual for Evidence Synthesis**. [S.l.]: JBI, 2020. DOI: <https://doi.org/10.46658/JBIMES-20-01>.

PICCOLI, Mariana et al. Idosos “roqueiros” e juventude eterna: pistas para reflexão. **Kairós Gerontologia**, São Paulo v. 15, n. 0, p. 291–312, 2013.

RABELO, Dóris Firmino; LIMA, Claudia Feio de Maia. Conhecimento e Atitude de Futuros Profissionais da Saúde em Relação à Sexualidade na Velhice. **Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 14, n. 0, p. 163–180, 2012.

RIBEIRO, Alda. Sexualidade na terceira idade. In: NETTO, M. P. (Org.). **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Editora Atheneu, 2002. p. 124–135. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-342988>>. Acesso em: 13 jan 2023.

RIBEIRO, Raquel Noel. **A construção da velhice positivada em propagandas televisivas direcionadas ao público idoso**. 2007. Mestre em Psicologia Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/17194>>. Acesso em: 10 jun 2022.

ROZENDO, Adriano da Silva; ALVES, Juliana Medeiros. Sexualidade na terceira idade: tabus e realidade. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 95–107, 2015.

SHOLL-FRANCO, A.; PEREIRA, A.; FREITAS, C. Envelhecimento, estresse e sociedade: uma visão psiconeuroendocrinológica. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/22>>. Acesso em: 13 jan 2023.

SONG, Xiaowei; MITNITSKI, Arnold; ROCKWOOD, Kenneth. Prevalence and 10-year outcomes of frailty in older adults in relation to deficit accumulation. **Journal of the American Geriatrics Society**, Nova Iorque, v. 58, n. 4, p. 681–687, Abr 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1111/j.1532-5415.2010.02764.x>>. Acesso em: 13 jan 2023.

STREY, Marlene Neves et al. Velhice e casamento, vivências e visões. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 2, p. 23–34, 1999.

TRICCO, Andrea C. et al. Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR) Checklist SECTION. **Annals of internal medicine**, Philadelphia, v. 169, n. 7, p. 11–12, 2018a. Disponível em: <<http://www.prisma-statement.org/Extensions/ScopingReviews>>. Acesso em: 13 jan 2023.

TRICCO, Andrea C. et al. PRISMA extension for scoping reviews (PRISMA-ScR): checklist and explanation. **Annals of internal medicine**, Philadelphia, v. 169, n. 7, 2018b. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.7326/M18-0850>>. Acesso em: 13 jan 2023.

UCHÔA, Yasmim da Silva et al. Sexuality through the eyes of the elderly TT - A sexualidade sob o olhar da pessoa idosa. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 6, p. 939–949, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562016019.150189>>. Acesso em: 13 jan 2023.

VIEIRA, Yasmine Oliveira et al. Estereótipos dos idosos retratados nos Desenhos Animados da filmografia ocidental. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 91–112, 2016.

VILLAR. Sexual expression and sexual practices in long-term residential facilities for older people. **Intersections of Ageing, Gender and Sexualities**, 1. ed. Bristol: Policy Press, 2019. Disponível em: <<https://library.oapen.org/bitstream/handle/20.500.12657/25176/1004914.pdf?sequence=1#page=170>>. Acesso em: 13 jan 2023.

YOKOMIZO, P. S. **Envelhecimento, aparência e significados entre idosas do Brasil e da Espanha**. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <[https://www.lareferencia.info/vufind/Record/BR\\_7262b4e73670d44c01e234b1a10a9d31](https://www.lareferencia.info/vufind/Record/BR_7262b4e73670d44c01e234b1a10a9d31)>. Acesso em: 10 jun 2022.

ZITTOUN, Tania; BAUCAL, Aleksandar. The relevance of a sociocultural perspective for understanding learning and development in older age. **Learning, Culture and Social Interaction**, [s. l.], v. 28, n. December 2019, p. 100453, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.lcsi.2020.100453>>. Acesso em: 13 jan 2023.

## 10 Anexo

### Checklist Prisma - Extensão para Revisão de Escopo

SEÇÃO	ITEM	PRISMA-ScR CHECKLIST ITEM	REPORTADO NA PÁGINA #
<b>TÍTULO</b>			
Título	1	Identifique o relatório como uma revisão de escopo.	#1
<b>RESUMO</b>			
Resumo estruturado	2	Forneça um resumo estruturado que inclua (conforme aplicável): histórico, objetivos, critérios de elegibilidade, fontes de evidência, métodos de gráficos, resultados e conclusões relacionadas às perguntas e os objetivos da revisão.	#2
<b>INTRODUÇÃO</b>			

SEÇÃO	ITEM	PRISMA-ScR CHECKLIST ITEM	REPORTADO NA PÁGINA #
Justificativa	3	Descreva a justificativa para a revisão no contexto do que já é conhecido. Explique por que as perguntas/objetivos de revisão se prestam a uma abordagem de revisão de escopo.	#4
Objetivos	4	Forneça uma declaração explícita das questões e dos objetivos que estão sendo abordados com referência aos seus elementos-chave (por exemplo, população ou participantes, conceitos e contexto) ou outros elementos-chave relevantes usados para conceituar as perguntas e/ou objetivos da revisão.	#5
<b>MÉTODOS</b>			
Protocolo e registro	5	Indique se existe um protocolo de revisão; informe se e onde pode ser acessado (por exemplo, um endereço da Web); e, se disponível, fornecer informações de registro, incluindo o número de registro.	#4
Critérios de elegibilidade	6	Especifique as características das fontes de evidência usadas como critérios de elegibilidade (por exemplo, anos considerados, idioma e status de publicação) e forneça uma justificativa.	#5
Fontes de informação	7	Descreva todas as fontes de informação na busca (por exemplo, bases de dados com datas de cobertura e contato com autores para identificar fontes adicionais), bem como a data em que a busca mais recente foi realizada.	#5
Busca	8	Apresentar a estratégia de busca eletrônica completa para pelo menos uma base de dados, incluindo quaisquer limites utilizados, de forma que possa ser repetida.	#5
Seleção de fontes de evidência	9	Indique o processo de seleção de fontes de evidência (ou seja, triagem e elegibilidade) incluídas na revisão de escopo.	#6
Extração dos dados	10	Descreva os métodos de extração de dados das fontes de evidência incluídas (por exemplo, formulários calibrados ou formulários que foram testados pela equipe antes de seu uso e se a extração de dados foi feita independentemente ou em duplicata) e quaisquer processos para obtenção e confirmação de dados dos investigadores.	#6
Itens de dados	11	Liste e defina todas as variáveis para as quais os dados foram buscados e quaisquer suposições e simplificações feitas.	#7
Avaliação crítica de fontes individuais de evidência (opcional)	12	Se feito, forneça uma justificativa para a realização de uma avaliação crítica das fontes de evidência incluídas; descrever os métodos usados e como essas informações foram usadas em qualquer síntese de dados (se apropriado).	#7
Síntese dos resultados	13	Descrever os métodos de manipulação e síntese dos dados que foram mapeados.	#8
<b>RESULTADOS</b>			
Seleção de fontes de evidência	14	Forneça o número de fontes de evidência rastreadas, avaliadas para elegibilidade e incluídas na revisão, com motivos para exclusões em cada estágio, de preferência usando um diagrama de fluxo.	#9
Características das	15	Para cada fonte de evidência, apresente as características para as quais os	#10

SEÇÃO	ITEM	PRISMA-ScR CHECKLIST ITEM	REPORTADO NA PÁGINA #
fontes de evidência		dados foram mapeados e forneça as citações.	
Avaliação crítica dentro das fontes de evidência (opcional)	16	Se feito, apresente dados sobre a avaliação crítica das fontes de evidência incluídas (ver item 12).	#n/a
Resultados de fontes de evidência individuais	17	Para cada fonte de evidência incluída, apresente os dados relevantes que foram registrados e relacionados às questões e aos objetivos da revisão.	#9-16
Síntese dos resultados	18	Resuma e/ou apresente os resultados do mapeamento conforme eles se relacionam com as questões e os objetivos da revisão.	#16
<b>DISCUSSÃO</b>			
Resumo das evidências	19	Resuma os principais resultados (incluindo uma visão geral dos conceitos, temas e tipos de evidências disponíveis), vincule as questões e os objetivos da revisão e considere a relevância para os grupos-chave.	#16-17
Limitações	20	Discuta as limitações do processo de revisão de escopo.	#21
Conclusões	21	Forneça uma interpretação geral dos resultados em relação às questões e aos objetivos da revisão, bem como potenciais implicações e/ou próximos passos.	#20-21
<b>FINANCIAMENTO</b>			
Financiamento	22	Descreva as fontes de financiamento para as fontes de evidência incluídas, bem como as fontes de financiamento para a revisão de escopo. Descreva o papel dos financiadores da revisão de escopo.	#21

**Fonte:** adaptação e tradução livre de Tricco et al., 2018a. PRISMA *Extension for Scoping Reviews* (PRISMA-ScR): *Checklist* e Explicação. *Ann Intern Med.* 2018; 169:467–473. DOI: 10.7326/M18-0850

## APÊNDICE

### Protocolo

**Título:** Mitos e estereótipos em periódicos brasileiros de gerontologia: uma revisão de escopo

**Autores:** Cristiano Pereira de Assis, Suzanne Tanoue dos Santos, Ruth Caldeira de Melo e Andrea Lopes.

**Breve descrição:** revisão de escopo com objetivo de mapear a produção científica sobre mitos e estereótipos da velhice e do envelhecimento publicada em periódicos brasileiros especializados em envelhecimento e velhice.

**Palavras-chave:** mitos, estereótipos, velhice.

**Pergunta de pesquisa principal:** qual o debate e o conhecimento publicado sobre mitos e estereótipos da velhice e do envelhecimento em periódicos brasileiros de gerontologia?

**Perguntas complementares:** O que são mitos ou estereótipos? Quais os mitos e os estereótipos da velhice e do envelhecimento discutidos nas publicações revisadas? Qual o perfil de idosos/velhices considerados nas pesquisas?

#### PCC

**População/Participantes:** periódicos brasileiros de gerontologia

**Conceitos:** mitos, estereótipos

**Contexto:** envelhecimento e velhice

#### FONTES DE INFORMAÇÃO (acesso em 13 jan 2023):

1. Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento (<https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer>)
2. *Geriatrics, Gerontology and Aging* (<https://ggaging.com/>)
3. Mais 60 (<https://portal.sescsp.org.br/online/revistas/4 MAIS+60#>)
4. PAJAR - *Pan American Journal of Aging Research* (<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/pajar/article/view/38650>)
5. Revista Amazonense de Geriatria e Gerontologia (<https://raggfunati.com.br/>)
6. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano (<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/index>)
7. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia (<https://www.rbgg.com.br/>)
8. Revista Kairós Gerontologia (<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos>)
9. Revista Longeviver (<https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal>)

**Crítérios de inclusão:** artigos originais e de revisão, em língua portuguesa, publicados até 2021 e que envolvam a pesquisa ou a discussão objetiva de mitos e estereótipos da velhice e do envelhecimento.

**Crítérios de exclusão:** apenas resumo; menciona mitos ou estereótipos, porém não os investiga ou aprofunda a discussão; não está disponível em arquivo digital gratuito, aberto, livre e na íntegra; não está em língua portuguesa; não é um artigo original / pesquisa científica; publicado após 2021.

**Descritores para pesquisa:** ("estereótipo" OR "estereótipos" OR "mito" OR "mitos")

#### Busca personalizada

**Mais 60:** O buscador não retornou resultados com o uso da *string* padrão utilizada nas outras bases. Assim, foram pesquisados individualmente os termos mito, mitos, estereótipo e estereótipos. Não foi possível efetuar o download de todos os resultados de uma só vez. Também, não havia a opção de efetuar o download de arquivos com as entradas/referências dos resultados. Cada página de resultados possuía oito itens. Foi necessário percorrer todas as páginas. Devido ao trabalho, optou-se por não efetuar o download dos arquivos que apontavam em sua legenda não atenderem aos critérios de inclusão, por exemplo, aqueles que se caracterizavam como editoriais, entrevistas, resenhas, ensaios e reflexões. Todos os outros arquivos foram baixados.

**Revista Amazonense de Geriatria e Gerontologia:** À época do levantamento, o site do periódico não oferecia a opção de busca. Dessa forma, foi necessário efetuar o download das edições

disponibilizadas. Nelas, utilizando o visualizador de PDFs Adobe Acrobat DC, pesquisou-se individualmente os termos mito, mitos, estereótipo e estereótipos.

### Formulário de extração de dados

- Título
- Autores
- Ano de publicação
- Periódico
- Objetivos ou pergunta de pesquisa
- Justificativas
- Métodos
- Destaca e apresenta um parágrafo intitulado método, metodologia ou similar?
- Apresenta de forma detalhada as etapas e procedimentos metodológicos?
- Tipo de pesquisa
- Modalidade de pesquisa
- Interlocutores de pesquisa
- Ferramentas e outros recursos utilizados para a coleta dos dados
- Ferramentas e outros recursos utilizados para a análise/tratamento dos dados
- Ferramentas e outros recursos utilizados para a gestão dos dados
- Período de realização da pesquisa
- Envolve humanos
- Menciona aprovação de Comitê de Ética em Pesquisa ou Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- A investigação dos mitos e estereótipos sobre a velhice e o envelhecimento é apresentada como parte dos objetivos ou trata-se de um dos desfechos do estudo?
- Mitos e/ou estereótipos discutidos
- Número de páginas
- Localização geográfica do estudo
- Tipo de amostra / população / participantes
- Tamanho da amostra / população / participantes
- Resultados (resumo)
- Conclusão ou Considerações Finais
- Referências
- Instituições associadas
- Define mitos?
- Define estereótipos?
- Definição de mitos e/ou estereótipos
- Conceitos associados aos mitos e/ou estereótipos

### Publicações encontradas

- Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento: 6
- Geriatrics, Gerontology and Aging: 0
- Mais 60: 25
- PAJAR - Pan American Journal of Aging Research: 0

- Revista Amazonense de Geriatria e Gerontologia: 0
- Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano: 6
- Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia: 7
- Revista Kairós Gerontologia: 15
- Revista Longeviver: 4

Submissão: 01/11/2022

Aceite: 15/02/2023

Como citar o artigo:

ASSIS, Cristiano Pereira de et al. Mitos e estereótipos em periódicos brasileiros de gerontologia: uma revisão de escopo. **Estudos interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 28, e128255, 2023. DOI: 10.22456/2316-2171.128255

